EXPEDIENTE.

— Ao nosso correspondente, que de Braga, insta porque tratemos a questão da Instrucção Publica, podemos asseverar que não nos esquecemos de tam importante assumpto.

— O artigo ácerca da Biblia vulgarmente denominada dos — Jeronimos — será publicado mui proximamente.

— A continuação do artigo, sobre o Dr. Claudio Manoel da Costa, começará a publicar-se em o numero seguinte.

Publicações recebidas. — Agricultor Michaelense, publicação mensal, redigida pelo Sr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho, n.° 1.

Escudo Christão n.° 9.

Revista Popular, n.° 2, contém o Retrato e Biographia do Sr. Bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo; ainda não recebemos o n.° 1.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas, mez de janeiro.

Compilador, 3 folhas, do qual fallamos em logar competente.

Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias de Lisboa, mez de março.

Relatorios da Mesa da Irmandade de Santa Cecilia relativos ao 2.° semestre de 1847.

CONHECIMENTOS UTEIS.

OPERAÇÕES DO BANCO DE FRANÇA EM 1847.

277 O Banco de França publicou ha pouco a conta das suas operações no anno de 1847.

Dois factos de grande vulto augmentam a importancia deste documento.

O anno a que se refere foi celebre em relação ás theorias em que assentam a organisação do credito.

Na Inglaterra o principio da restricção da circulação, proclamado por Sir Roberto Peel, na lei de 14 de junho de 1844, foi posto novamente em discussão não só nas camaras mas em toda a imprensa.

Na França o desconto subiu de 4 a 5 por cento, e esta alta provou que não tinham base solida as esperanças e as asserções que tantas vezes se avançaram, ácerca de que era possivel conservar permanente a taxa do desconto. Nos proprios relatorios do Banco muitas vezes se havia emittido esta opinião, que, no fim de vinte e sete annos, tinha de cahir ante uma resolução exigida pela crise promovida em grande parte pelas ultimas colheitas.

Este facto deu causa a sérias investigações, que não deixam de ser tam fecundas em resultados, como as que ainda ao presente se estão fazendo ácerca do Banco de Inglaterra.

Em Portugal estas questões economicas de alta monta perdem todo o prestigio que as cerca nos outros paizes. — Não se estudam, não se querem estudar; e quando as circumstancias nos appresentam alguma de que forçosamente se deva tractar, a ignorancia fica vacillante ante a sua magnitude, e resolve pela audacia o que só se deveria decidir com o saber e com a experiencia.

Se acaso alguem se erguesse para combater os obstaculos com essas armas, ficaria desamparado, e no fim de amargos desgostos seria o alvo para onde se dirigisse o rancor das parcialidades.

Neste ponto não podemos estar peior. — O homem que estuda é escarnecido e desconsiderado, porque as gralhas receam que um leve sôpro as despoje das pennas do pavão.

Os preconceitos, as reputações improvisadas, e as ambições politicas, formaram uma cruzada contra a lettra redonda, que, ou hade succumbir por meio de um desengano solemne, ou ha de impedir por largo espaço o desenvolvimento dos nossos interesses economicos.

Fogem de abrir os livros, e fazem bem; daquellas paginas que despresam podia surgir o espectro do sabio para castigar os profanadores das suas crenças. — Não queremos que se desfechem contra nós as iras de tantos, que não avaliam a utilidade de certos trabalhos, e poremos de parte quanto conviria dizer ácerca desses pontos, para simplesmente resumirmos as operações do Banco de França em o anno findo, e talvez mais tarde nos aventuremos, pelo menos, a expor o que sobre tam graves acontecimentos se tem escripto.

Descontou o Banco durante o anno de 1847 — 926:390 letras de cambio na importancia de 1,372:180.000 francos, prefazendo as letras descontadas em todos os Bancos de França, incluindo esta importancia a somma de 2,705:496$814. Descontou mais 36,934 letras do que no anno anterior. O termo medio das letras foi de 1,285 a 1,380 francos, e o dos vencimentos de 45 a 46 dias. Da somma de letras descontadas, 125.995 não excediam 199 francos cada uma, sendo menos 59,320 do que no anno anterior; 469,670 letras eram de 200 a 999 francos, mais 16,418 do que em 1846; e 367,672 de 1,000 francos ou mais, excedendo estas 79,806 as descontadas no anno de 1846. A conta corrente com o thesouro desceu de 103 milhões de francos a 58 milhões. O maximo da conta de caixa foi em 24 de dezembro de 107 milhões, e o minimo em 25 de janeiro foi de 58 milhões. O termo medio durante o anno foi de 80 milhões: em o anno de 1846 tinha sido de 171.

Em 14 de janeiro a taxa do desconto subiu de 4 a 5 por cento, mas em 27 de dezembro voltou a 4 por cento. No fim do anno de 1846 os capitalistas inglezes fizeram um emprestimo ao Banco de França de um milhão de libras sobre hypotheca de fundos publicos de cinco por cento. — O termo medio do praso para o pagamento do emprestimo foi de 108 dias. — As despezas das operações prefizeram 800,209, ou 3,13 por cento do todo.

Em 16 de março do corrente anno, o Banco recebeu inesperadamente a proposta para a seguinte transacção. O governo russo propunha comprar-lhe fundos publicos até á importancia de 50 milhões de francos pagaveis em S Petersburgo. O Banco acceitou e vendeu ao thesouro imperial da Russia dois milhões de francos de fundos publicos de 5 por cento, ao preço de 115 francos e 75 centimos, importando em 46,300:000 francos e 142.000 francos de fundos publicos de 3 por cento a 77 francos e 65 centimos, importando em 3.689:633 francos, o que tudo somma 49 989:633 francos. No emprestimo de 250 milhões feito pelo governo francez em 10 de novembro ultimo, o Banco

entrou com 25 milhões pelos quaes adquiriu 996:677 francos de fundos publicos de 3 por cento a 75 francos e 25 centimos. Quando em janeiro do corrente anno os fundos publicos começaram a baixar na praça de Pariz, o Banco julgou dever comprar 300:000 dos 3 por cento os quaes lhe ficaram a 73 francos e 81 centimos.

Muitos outros factos conviria saber ácerca das operações deste Banco, mas só estes podémos colligir do *Moniteur Industriel* de 10 do mez passado.

NOVO PROCESSO DE PINTURA DE ORNATO SOBRE PEDRA MARMORE, ESTUQUE, GESSO E EM GERAL SOBRE TODAS AS MATERIAS POROSAS.

PRIVILEGIO FINALISADO EM FRANÇA A 13 DE SETEMBRO DE 1847, E CONCEDIDO A M. CICERI.

278 Estes novos processos são destinados a substituir o emprego do oleo, colla ou cera nos diversos generos de pintura, applicados sobre o marmore, estuque, gesso, madeira, cartão preparado e em geral sobre todas as substancias porosas.

É um novo methodo de pintura de ornato que assegura a sua conservação e remedeia o inconveniente inparavel de estalar a espessura da tinta que de ordinario fazem as pinturas a oleo e a colla, que sempre acabam por se destruir em rasão de não faserem corpo com a natureza, sobre a qual se applicaram.

Antes de fallarmos dos differentes meios possiveis de execução do processo em si mesmo, ou tanto quanto applicado differentemente, ou sobre diversas materias, entendemos consignar aqui, como base ou principio da nova invenção, em que consiste a idéa de a applicar, sobre os corpos porosos, para os pintar ou ornar, sem attenção ao modo de fazer os liquidos acidos, alcalinos, aquosos, alcoolicos ou subtis, tendo em dissolução ou suspensão materias colorantes, simples ou compostas; materias que comtudo podem ser isoladas ou misturadas com outras substaacias, fazendo as funcções de mordentes e taes que a sua incorporação possa ter logar, nos poros dos corpos sobre a superficie dos quaes se pinta, de modo que esta mesma superficie possa depois ser esfregada e polida, sem alterar a pintura ou receber uma camada de verniz, que só de per si formará a espessura sobre o corpo assim pintado.

Para melhor fazer sentir a novidade, vantagens e natureza deste processo, vamos exemplificar a sua applicação, meios empregados nos ensaios que fizemos, meios que indicão o emprego das substancias comportando a presença e a acção d'agentes differentes e relativamente ás côres assim applicadas, sobre a pedra (como o poderiam ser sobre outra qualquer materia porosa) e a condição fóra do seu emprego ordinario, sobre estas materias.

Tome-se uma pedra alisada ou amaciada, quer sobre a face da serradura, quer sobre a do corte ou embotada como se houvesse de ser pollida; pinta se e deixa-se ficar neste estado: tome-se depois tinta preta (tanuato de ferro) tinta vermelha (páo Brasil) tinta côr de rosa (cochonilha) tinta azul (sulfato de anil) pinta-se com uma brocha ordinaria, um marmore por exemplo, deixa-se secar e depois pule-se a pedra, por meio dos processos conhecidos.

O pulimento da pedra póde ser substituido por verniz sobre uma mão de cola, dada depois da pintura ou por uma camada d'oleo, applicada em quente ou frio.

Em qualquer destes casos, as demãos d'oleo ou colla e verniz, viriam a deteriorar-se como todas as preparações desta especie applicadas sobre a pedra, em quanto em a pintura feita pelo nosso processo, ficaria sempre o mesmo, por causa do seu estado d'indelebilidade e que não seria atacado, não importa qual a causa de distruição: estas camadas d'espessura, seriam absorvidas pela pedra nos poros da qual seria introdusida, pelo processo que deixamos explicado.

Bastará este exemplo para mostrar, que condições de preparação devem ter as cores que empregamos, porque de uma parte é preciso que estejam em estado tal de liquidez, que possam penetrar nos poros da materia sobre que são applicadas: não é necessario por outro lado, que se possam estender, como por exemplo uma gota de oleo cahindo sobre um corpo esponjoso, sem o que não se seria senhor dos effeitos do pincel é preciso emfim que as cores tenham um gráo de delicadeza tal que este inconveniente não possa dar-se; as tintas por nós empregadas offerecem esta condição normal: é com semelhantes condições e com substancias em relação com o emprego d'outras materias colorantes, que obteremos novos effeitos e teremos o cuidado de os fazermos ulteriormente vulgarisar.

Comprehende-se tambem, que as materias sobre as quaes este genero de pintura se applica, podem ser mais ou menos porosas, as substancias coloradas devem ter um gráo de delicadeza relativa a este mesmo gráo de porosidade.

Em resumo applicar sobre corpos porosos cores penetrando nos poros dos mesmos corpos, de maneira a tornal-os indeleveis e inacessiveis ao esfregamento e pulido da superficie das materias, das que tem sido pintadas com as mesmas cores: tal é o principio sobre que repousa a invenção de que se tracta, e da qual havemos descripto os meios d'execução, pela enumeração das substancias proprias a fazer penetrar e conservar as cores, applicadas sobre os mesmos corpos.

A. S.

COMPETIDOR AO CHLOROFORMIO.

Lê-se n'um periodico allemão:

279 M. Harald Thaulow, pharmaceutico em Christiania, na Noruega, acaba de descobrir um novo meio de etherisação, e que já tem sido empregado com feliz exito. Substitue perfeitamente o chloroformio, e possue a grandissima vantagem de que a materia, donde se extrahe, é de baixo preço e facil de alcançar.

Este agente é o sulphito de carbonio que se obtém em quantidade do carvão de madeira e do enxofre, por meio de um apparelho simplicissimo.

Este agente emprega se do mesmo modo que o chloroformio.

LIGAS DE ALGUNS METAES, POR M. PARKES, DE BIRMINGHAM.

PATENTE INGLEZA.

280 O auctor appresenta cinco ligas metallicas de côr branca ou clara.

A primeira destas ligas é composta de zinco, estanho, ferro, cobre. Para produsir 100 kilogramos deste

amalgama, tomem-se 33 kilogramos e 0,55 de zinco, 64 de estanho 1,250 de ferro e 2,250 de cobre ou antes 50 de zinco, 48 de estanho, 1 de ferro, e de cobre. Póde se tambem variar as porções de cobre ou zinco. Deve-se começar por fazer derreter juntos o ferro e o cobre. Quando estes metaes estiverem em estado de liquidos, ajuncta se-lhes o estanho em pequenas porções, afim de as não tornar solidas. Lança-se depois o zinco, tendo o cuidado de mexer tudo bem. M. Parkes aconselha que se lance tambem 1 parte de cal, 3 de mineral do Cumberland e 3 de sal ammoniaco (em pezo). Esta liga póde-se vasar em areia para depois poder ser reducida a laminas.

A segunda liga compõe-se de 66 kilogrammos de zinco, 32,250 de estanho, 3,250 de antimonio, ou 79,750 de zinco, 16 500 de estanho, e 2,750 de antimonio. Se se quizer, podem-se variar estas proporções. Fundidos estes metaes vasam-se em areia, ou em fôrmas-de-barro. No caso de se querer empregar este metal para forro de navios, deve se-lhe ajunctar meio por cento, ou um por cento de arsenico.

A terceira produz um metal branco. Combinam-se primeiro ferro e nickel, ou em partes eguaes, ou uma de nickel e duas de ferro. Junctam-se depois o cobre e o zinco. Convem ligar estes dois metaes antes de os misturar com os primeiros. As quantidades, que se devem empregar afim de obter 100 kilogrammos desta liga são — 45 kilogrammos e 0 500 da combinação do ferro e do nickel em partes eguaes: 45 500 de cobre, e 10.500 de zinco. Podendo com tudo variar-se as porções destes diversos metaes.

A quarta liga se compõe de nickel, de prata e de cobre, aos quaes se pódem junctar zinco, ou outros metaes. As proporções dependem do emprego, que se pertende dar a este mixto. As que se seguem dão duas combinações uteis, com a vantagem de se oxydarem pouco com a acção da atmosphéra: — 60 kilogrammos de cobre, 20 de nickel, 20 de prata, oc 60 de cobre, 10 de nickel, 10 de prata, e 20 de cinco. Derretem-se primeiro junctos o cobre e o nickel, e junctam-se depois os outros metaes.

A quinta liga compõe-se de nickel, de ferro, e de cobre, na proporção de 25 kilogrammos de nickel, 25 de ferro e 50 de cobre, ou 15 de nickel, 25 de ferro e 60 de cobre. Derretem-se primeiro unidos o ferro e o nickel, e juncta-se-lhes depois o cobre. O auctor assevera que esta liga é má conductora do calorico. *Journal des Usines.*

OLHUCO.

281 Acaba de ser importada do Peru para França uma nova especie de tuberculos, que os Indios designam com o nome de *Olhuco.*

Este fructo é mais pequeno do que a batata, com a qual com tudo appresenta ume perfeita analogia de forma. A sua cultura é com pouca differença a mesma; porém tem o inconveniente de se não conservar mais de tres a quatro mezes nos logares secos e frescos, sem começar a lançar rebentos, que podem servir para a plantação.

Os tuberculos, ou os rebentos do *olhuco* plantam-se no começo da primavera como as batatas.

Esta planta cresce de preferencia nos logares frios do Perú.

Os indios preparam o *olhuco* de diversas maneiras, ou o comem simplesmente cosido em agua.

O Museo de Historia Natural, o Conservatorio das artes e officios, o Instituto de Grignon, e varios outros estabelecimentos da França, já possuem esta planta; e tratam de fazer as devidas experiencias.

O jornal, donde extrahimos esta noticia, promette publicar tudo quanto se fizer a este respeito: pela nossa parte forcejaremos por alcançar estas noticias afim de as offerecermos aos leitores da REVISTA.

* *

APERFEIÇOAMENTO NA FABRICAÇÃO DO CARBONATO DE SODA.

282 M. Ward, de Oldbury, alcançou uma patente por um processo de preparação dos saes de soda e de magnésia e principalmente de carbonato natural, ido da Grecia, para transformar, pela calcinação, a soda e o sulfureto de sodium das cinzas em carbonato de soda puro O residuo de magnésia serve lhe para preparar o sal de *Epsom.* Finalmente emprega os sulfuretos de magnésia e de calcium para a separação do ferro contido nos saes de magnésia.

NOVA INVENÇÃO PARA FECHAR AS LOJAS.

283 Com o intuito de obviar os gravissimos inconvenientes, que traz comsigo o systema actual de fechar as lojas, mormente pelo que diz respeito á morosidade d'esta operação, M. Melzessard acaba de inventar um meio para se fecharem com toda a segurança e brevidade.

A manivella, que deve concorrer para se alcançar este fim, é collocada no interior da loja.

Para se conseguir isto, M. Melzessard emprega muitos engenhos, segundo o local e a despeza que se quizer fazer. Tem engenhos de ferro composto de folhas dispostas como nos fogões á prussiana: estas folhas, levantadas por meio de correntes, vão-se collocar por detraz da taboleta. Outros são formados de taboas juntas entre si por meio de charneiras; indo-se enrolar em volta de uma especie de cylindro. Outros sahem do sobrado das mesmas lojas, os quaes, subindo, vão fechar as portas. Por este methodo, em poucos segundos, se consegue o que pelo methodo actual leva muitissimo tempo.

M. I.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XIII.

284 Em fim parece que vae findar este desespero. — Sahirei d'aqui. — Ainda que seja para a forca, já era tempo, no fim quasi de dois annos!

Como a justiça caminha vagarosa! Ninguem promove o seu andamento; creio que todos são

* Vem do n.º 13.

interessados n'esta delonga, que vai consumindo a vida e os recursos!

Pois se o advogado se prestava á defensa, para que haviam de querer, que aqui viesse um tabellião e testimunhas, para se fazer uma procuração!

Tudo é contra o preso.

Infeliz do homem, que entra n'esta casa! Ainda quando, no fim de muitas fadigas e humilhações, alcança um defensor, hade afadigar-se mais, se não tiver quem o soccorra com o que deve dar ao tabellião.

Meu pae já lhe faltava o animo para pedir. Não se atreveu a importunar o nosso bemfeitor. ¡Quantas privações e lagrimas, não custou esse dinheiro, que uma exigencia inutil obrigou a dispender!

Ha momentos, em que desejava ter nascido na cidade, e haver estudado estas coisas.

Se não estou completamente enganado, então grave responsabilidade pesa sobre os que governam, e não curam de acabar com tantos abusos. Nem Deus lhes perdoará tam damnosa incuria.

¿Quando um homem se apresenta á justiça, dizendo-lhe: «Venho defender um preso pobre, e desamparado» para que se hade pôr em duvida a sua palavra honrada, exigindo que appresente o documento, que para tanto o auctorisa?

No fundo de todas as questões, que eu não intendo, ha uma rasão sordida, que as explica. É mister que se gaste dinheiro, seja de que modo fôr, com tanto que se dispenda!

E é mesmo para isso, que se agarra em quem fez um crime, ou foi accusado de o fazer, e se lança para a cadêa! Se houver de ser solto, quando d'ahi sahir vá mendigar pelas ruas dessa cidade, ou roubar nas estradas do reino!

As prisões são escholas de crimes, ou pousadas d'onde partem os mendigos! E nenhum logar era mais proprio do que este, para fazer bem, e para melhorar tantos corações corrompidos. Aqui é que podiam brilhar homens, com um intendimento como João, mas que não tivessem sobre si tam má estrella!

O de que mais se precisa, para acabar o vergonhoso estado destas casas, não custa a comprehender. Façam justiça, como devem, e depois com a religião, e com o trabalho, podem completar uma obra, que hade accreditar quem a souber levar ao cabo.

Fico louco quando todas estas coisas se me apresentam ao pensamento!...

Comprehendo o odio que estes homens nutrem para com o resto da sociedade.

A cadêa é para elles apenas uma suspensão dos seus crimes, e nada mais.

Tenho ouvido dizer a alguns:—«tomára já sahir... heide ser mais cauteloso, para que a justiça me não interrompa nos meus roubos!...

Quando aqui entra algum malfeitor, todos o cercam para ouvirem, por que crime foi preso.

É para admirar, como se pódem contar, com a maior serenidade, as mais afflictivas circumstancias de qualquer assassinio. A narração é, muitas vezes, interrompida para beberem á saude do braço robusto, que fez vergar a victima, no momento em que estava quasi livre do perigo, ou o animo ousado, que expôz destemidamente a vida, para alcançar a posse de algum dinheiro.

Tudo isto me atormenta, mas Deus sabe que outros padecimentos me estarão reservados!...

Tive, em fim, a triste nova, que Margarida está nesta cidade... nessa casa, que, segundo o que todos dizem, ainda é mais horrivel do que esta!... Meu pae, que tanto receio tinha de me revelar o segredo, não pôde resistir aos meus rogos.

Faz domingo oito dias, que, á fôrça das minhas instancias, me disse: — «Filho, tem animo, não me succumbas: Margarida está onde suspeitas!...»

A saudade havia, mais do que nunca, augmentado o desespero da minha situação.

Este amor, que tam fundo entrou na alma, ainda me hade perder a razão.

Domingo, á hora da missa, haviam-me tomado, tanto ao vivo, as recordações do passado, que meu pae assustou-se de me vêr.

Assim que eu cheguei ás grades, vi a inquietação turvar a alegria, que lhe começava a animar o rosto, e logo me disse: — «Paulo, cada vez estás mais desfigurado...» Não sei o que lhe respondi, mas devêra ser coisa desarrasoada porque se me varreu da imaginação.

Só me lembra, que o nome de Margarida não cessava de me sahir dos labios, porque tambem era o meu unico, e meu mais querido pensamento.

Lembra-me que ficou atonito. Não pôde então resistir, pois que ao tornar a mim, dessa especie de delirio, eu só respondia ás observações, com que cortava as minhas perguntas... «Pelo amor de Deus, meu pae... por alma de minha mãe, diga-me, diga-me onde está Margarida!...

Com a duvida crescia-me a anciedade no coração... e a certesa que tive, ácerca da pa-

ragem de Margarida, pareceu suspender-me a vida até para o soffrimento.

Aquella revelação fez-me succumbir: mas conheci, que o desengano, por mais fatal que seja, é menos horrivel do que a duvida.

(*Continúa.*)

HISTORIA DE PORTUGAL, POR A. HERCULANO. — TOMO 1.°

THE DUBLIN UNIVERSITY MAGAZINE. *N.° CLXX. February*, 1847.

A *Historia de Portugal*, pelo Sr. A. Herculano, será incontestavelmente um dos mais grandiosos monumentos da nossa litteratura. E' uma obra europea, que não tem só de ser analysada no paiz. A historia philosophica de um povo é de interesse para todas as Nações.

Por estes motivos constou-nos, com satisfação, que varios jornaes estrangeiros haviam tributado devido louvor ao nosso distincto compatriota; e recebemos, com prazer, a traducção que ao diante publicamos de um artigo inserto no *Dublin University Magazine Advertiser*, traducção devida ao extremo amor pelas letras patrias, que tanto honra o nosso mui distincto jurisconsulto, o Sr. Dr. Antonio Gil.

Não podemos tomar sobre nós a responsabilidade completa das opiniões ahi emittidas, em relação a alguns pontos da nossa historia litteraria, bem como pelo que diz respeito ao que o auctor julga dever notar no estylo do Sr. Herculano.

Um feliz acaso nos deparou o *Dublin University Magazine Advertiser*, jornal de miscelanea, que se publica na capital da Irlanda, ha quinze ou desaseis annos, e contendo, no n.° de fevereiro de 1847, uma especie de analyse e resumida noticia do 1.° tomo da *Historia de Portugal* do Sr. Alexandre Herculano. Escusado é repetir, que folgamos sobre maneira, sempre que vemos lá fóra fallar-se nas nossas coisas com elogio. E pois que de involta com os merecidos louvores, dados a um claro ingenho nosso, que tanto merece e promette, se encontram não pequenos a este bello reino, hoje em dia tão mesquinho, e junto com doces recordações da passada gloria, a esperança de melhores fados, forte e dobrado motivo para vertermos em linguagem vernacula, os passos mais frisantes do apresiavel artigo que se lê no supracitado *Dublin University Magazine*.

---

285 Tão rica é a litteratura ingleza em obras de historia de Hispanha, como em extremo pobre no tocante á de Portugal. Robertson, Watson, Cox, e, ultimamente, Lord Mahon, illustraram os annaes hispanicos; e se acrescentarmos á lista das suas producções as dos americanos, Prescott e Irving, a lingua ingleza póde vangloriar-se de uma serie de obras mui superior em merito a tudo que n'esse ponto a Hispanha é capaz de appresentar. A razão d'esta preferencia, que os escriptores inglezes teem dado á historia hispanhola, póde facilmente attribuir-se ao maior esplendor e importancia dos successos, que deveram ser recordados, e que abrangiam a conquista dos moiros, o descobrimento de um novo mundo, e a queda dos barbaricos imperios do Mexico e Peru; em quanto por outro lado a Hispanha era na Europa, e o foi por centos de annos, o poder mais antagonista da civilisação e liberdade intellectual. As grandes personagens, tambem, que a Hispanha produziu, estavam egualmente em tanta relação e harmonia com a grandeza dos acontecimentos, em que tomaram tão conspicua parte, que offereciam materia de tentação ao historiador, que tinha de desenhar o retrato de homens taes como Christovão Colombo, Fernão Cortez, o cardeal Ximenes e Carlos V. A historia, porém, de Portugal, se inferior em lustre á de Hispanha, é, comtudo, somente a segunda no que toca á importancia, e com quanto menos poetica, offerece maior materia de interesse ao philosopho que pensar n'ella. Portugal, mais que nenhuma outra nação da Europa, nos espanta, pela energia do seu povo, e pelo contraste entre a pequenez e fraqueza dos seus meios, e a grandeza dos resultados e feitos que obrou. Os descobrimentos maritimos do illustre infante D. Henrique formaram a eschola que impelliu Colombo e Magalhães ás emprezas atrevidas que executaram, em serviço da Hispanha: sendo, que Portugal, por consequencia, tem parte indirectamente na gloria do descobrimento do novo mundo, bem como lhe compete a honra indisputavel de haver descoberto o caminho da India, abrindo assim á navegação e commercio da Europa as mais ricas regiões do oriente. Por virtude d'aquella sua maravilhosa energia, achamos, que em pouco menos de um seculo, os portuguezes estabeleceram o seu dominio ao longo das costas de Africa, desde Ceuta até ás costas do Mar Vermelho. Na Asia, estenderam suas conquistas desde o Golfo Persico até aos varios emporios da India e Ceilão, e dahi até Malaca e Cantão, e ilhas de Maluco no mais remoto oriente. Durante este glorioso periodo, seus navegantes visitaram o Japão, descobriram as ilhas de Loo-Choo e abriram o caminho para a Australia e archipelago de Tahiti. N'aquella épocha de energia e frenesi de emprezas e navegações, não se deram comtudo por satisfeitos os portuguezes, com o só senhorio do oriente, e preciosidades da Asia. Fundaram o imperio do Brazil, e sem embargo da opposição de França, e obstinados esforços, em contrario, dos hollandezes, conseguiram dominar nas mais extensas e ferteis regiões da America do Sul. O portuguez patriota, que lamenta a decadencia da sua patria, póde ainda ao menos consolar-se com a idéa de que a lingua de Camões, logo depois da de Milton, haja de ser a mais extensamente fallada no continente americano. Era pois com vangloria desculpavel que os antigos historiadores portuguezes costumavam dividir as suas obras pelas quatro partes do mundo.....

Além da grande energia que os portuguezes desinvolveram no seculo XVI, cujas vastas consequencias deram em resultado o tornarem-se os annaes de um pequenissimo reino um importante capitulo da historia do mundo e progresso da civilisação, ha tambem n'isto uma especie de interesse domestico para os inglezes. E com effeito, não só é Portugal o nosso mais

antigo e mais seguro alliado; mas desde a fundação da sua monarchia, amigaveis relações teem subsistido entre os dois reinos. Na edade media, os Cruzados dos Paizes Baixos e da Inglaterra, ajudaram mais de uma vez os portuguezes nas suas guerras com os moiros, tendo sido com similhante auxilio conquistada Lisboa aos sarracenos O primeiro bispo de Lisboa era inglez, e alguns seculos mais tarde a batalha de Aljubarrota, que estabeleceu a independencia do reino, foi ganha aos hispanhoes e francezes pelas forças alliadas de Inglaterra e Portugal. O casamento de D. João I de Portugal com (D) Filippa, filha do nosso João de *Gaunt*, cimentou a amizade dos dois paizes. Quando depois de sessenta annos de oppressão hispanhola, Portugal, em 1640, recobrou a sua independencia, os inglezes seus alliados, segunda vez, o ajudaram n'aquelle empenho, e fizeram bom serviço nas batalhas do Ameixial e Montes Claros. Foi desde aquella épocha, que se estabeleceu intima alliança entre Portugal e a Inglaterra Carlos II casou com uma princeza de Portugal, e o celebre duque de Schomberg commandou os inglezes auxiliares, a cujos esforços se attribue principalmente a derrota dos hispanhoes. Não obstante porém, o interesse da historia de Portugal, suas antigas relações com a Inglaterra, o facto de sermos nós os seus successores no imperio do oriente, e mais que tudo o ser ella um campo novo e inexhausto, é notavel que tenha sido tão completamente desprezada pelos escriptores inglezes Á excepção de Southey, ninguem mais ousou de entrar no campo da historia de Portugal, e Mickle e Adamson são os unicos escriptores de algum tomo na quasi ainda não explorada mina da litteratura portugueza. A despeito d'esta incuria, ha bellissimos themas de reserva para os estudiosos que se derem a historiar as coisas de Portugal. A historia do engrandecimento e decadencia do imperio portuguez no oriente, não póde deixar de interessar o leitor inglez, e a vida do infante D. Henrique, o pae da navegação moderna, é apenas a segunda, em pontos de interesse, depois da de Colombo, cujo foi percursor. N'estes interessantes topicos e materias, a litteratura do continente é menos esteril do que a nossa, e diferentes lucubrações tem apparecido com o fim de dar uma historia a Portugal, ou de illustrar o seu estado presente. A historia de Portugal, em allemão, por Schaeffer, não a vimos, mas quanto ás obras francesas de Balbi e Ferdinand-Denis, merecem que d'ellas dêmos uma breve noticia. A obra de Balbi é dedicada, quasi exclusivamente, á estadistica de Portugal, e abunda em valiosas informações, relativamente á igreja, ao exercito, á marinha e estabelecimentos de educação do paiz, e póde dizer-se que é uma obra indispensavel, a quem quer que deseja ter conhecimento do estado do reino, anterior a 1834.

. . . . . .

A «Historia de Portugal» por M. Denis é uma das da serie de obras historicas que vem na collecção chamada o *Universo*. O auctor mostra conhecer muito a fundo a linguagem e litteratura deste paiz, e a sua situação como bibliothecario tem-lhe dado a vantagem de consultar muitas obras raras e até manuscriptos. A M. Denis, todavia, falta-lhe inteiramente o talento da historia, e o melhor que podemos dizer da sua obra é que ella é uma especie de selecta de escholar ou livro de logares communs, contendo muitas raras e curiosas informações. Mas, completamente ignorante dos mais simples elementos de economia politica ou philosophia da historia, não achamos nelle nenhumas daquellas discussões philosophicas, a que o commercio portuguez da Asia, ou a colonisação do Brazil, em tanta copia dão margem, a quem tiver a minima aptidão para estudos especulativos. Se a nossa censura podesse parar aqui, desejaramos não ter dado noticia da obra; porém M. Ferdinand-Denis, é cumplice, em commum com muitos de seus compatriotas, de faltas mais graves — e não só defeitos intellectuaes, se não tambem culpas da vontade. A *anti-anglo-mania* de que tanto são iscados os francezes, póde, ordinariamente, ser objecto de compaixão ou despreso; mas quando levada até para o campo da historia da Europa na edade media, ou adulterando os factos, ou sem se ter conta com elles, e isto por parte de um escriptor que aliás conhece a fundo a verdade, razão é para que o publico se acautele de dar o mais pequeno credito á sua obra. Antes porém de appresentar prova alguma da exacção das nossas observações, não deixaremos passar por alto outra falta que é commum a ambos, M. Denis e Balbi, a que immediatamente alludiremos. — Fallamos do espirito ..... com que ambas as obras são escriptas; cada coisa é ahi pintada e colorida, como se existisse em Portugal o systema do *optimismo*, e como se não houvesse um meio termo entre um louvar exaggerado, e um censurar desmedido Se este modo .... de escrever procede de brandura e timidez de caracter, pode se por ventura admittir desculpa da nossa parte; mas, combinado com observações malignas e narrativas falsas a respeito da Inglaterra, não faz se não redobrar o nosso desgosto.

Apontaremos agora alguns exemplos do modo como M. Denis escreve a Historia. Em 1147, Lisboa foi reconquistada com a ajuda de um corpo de Cruzados, que visitaram os portos de Portugal na sua jornada para a Palestina. M. Denis conta-nos como ainda subsistem alguns costumes originados daquella época, que attestam *a influencia franceza* naquelle remoto periodo. Ora tal coisa não attestam, nem podem attestar, porque o exercito dos Cruzados vinha do norte da Allemanha, Flandres e Inglaterra. Diz que recordará os nomes dos portuguezes que se distinguiram no cerco, e omitte os homens que estabeleceram a *influencia franceza*; mas elles ainda se conservam nos antigos archivos e tem um sabor maravilhoso ao hollandez e a inglez. Nos fins do seculo XIV, a familia real portugueza se extinguiu, seguindo-se um longo periodo de discordia, similhante ao que houve entre a Inglaterra e Escocia durante o reinado de Duarte I. A desavença portugueza bem como a escocesa findou por uma victoria decisiva. Durante a contenda, os portuguezes foram ajudados por expedições de Inglaterra; uma destas é descripta o mais miuda e prolixamente possivel, e as crueldades do exercito capitaneado pelo duque de Cambridge, pintadas com côres bastante negras. Poucos annos depois, deu-se a celebre batalha de Aljubarrota. Os invasores hispanhoes foram ajudados por um poderoso corpo de auxiliares de França, e, do outro lado um pequeno exercito inglez dava soccorro aos portuguezes. Durante este combate, os inglezes derrotaram os francezes, e depois, juntando-se aos portuguezes, os ajudaram a vencer os

hispanhoes. Tudo isto, com quanto se ache na obra de Froissart é omittido pelo nosso historiador, cujos leitores ficarão ignorando inteiramente esta circumstancia essencial do combate. Poderamos, se preciso fosse, alargar-nos sobre este objecto, a que meramente alludimos como prova de que pontos e questões, que todos os homens de tino reputam meras curiosidades historicas, podem ser torcidas por aquelles cujos fervidos sentimentos levam o fanatismo da *joven França* até ás recordações dos tempos feudaes.

Passando agora, a considerar a valiosa obra do Sr. Herculano, achamos nas suas paginas profundo saber, unido á maior candura; uma liberdade de linguagem e não sugeição a preconceitos nacionaes, que o elevam á cathegoria dos mais eminentes historiadores modernos. Quando reflectimos que é somente ha poucos annos, que existe em Portugal alguma coisa que se assemelha á liberdade de falar ou de escrever, o apparecimento de uma obra tal como a do Sr. Herculano, é uma prova da aptidão dos seus compatriotas, para tomar parte no progresso litterario e scientifico da moderna Europa, e que não obstante a tarefa e exito até hoje infeliz das suas instituições liberaes, o são juizo e as opiniões illustradas vão fazendo progressos. Nas honestas paginas do Sr. Herculano, não ha ver adulação servil ás preocupações nacionaes, as fabulas (honradas pelo tempo) dos annaes portuguezes acham se expostas com severissima critica, e removidas dos dominios da historia authentica para os da Epopea de Camões, aonde tem graça e logar proprio. Os que sabem quanto é intensa a nacionalidade dos portuguezes, e com que tenacidade adherem a lendas tão absurdas, como as de Heitor Boecio ou Geoffry de Monmouth, melhor poderão apreciar a coragem com que o historiador dissipa ou faz esvaecer a illusão dos contos de fadas da antiga Luzitania. Ha outra, e não menos importante, especie de merito que pertence ao Sr. Herculano, e é o haver elle estudado a fundo o seu sujeito, o ter intimo, e podemos até dizer, familiar conhecimento com a historia portugueza, durante o periodo feudal, no meio de um vasto cahos de successos, composto de dissenções intestinas e conspirações, desavenças com Castella por via de independencia nacional, e incessantes guerras de aggressão contra varios regulos e dynastias mouriscas. A narrativa é clara, limpida e corrente, e nós vemol-os e sentimol-os, como se o auctor fosse contemporaneo, os acontecimentos que relata. Mas não pára aqui o elogio devido ao historiador; elle aponta a um alvo de maior utilidade, e o systema social do seu paiz, no decurso da edade media, occupa sua attenção principalmente; mostra bem que conhece a natureza da instituição municipal, a influencia do clero e as relações em que a aristocracia se achava com a realeza e com o povo; n'uma palavra, não é a historia dos reis de Portugal que elle escreve, mas sim a dos progressos da nação portugueza. Talvez seja a historia de Escossia, de Tytler, aquella com que a obra do Sr. Herculano tenha mais pontos de semelhança, tanto pelo que respeita ao plano e extensa escala em que são concebidos, como pelo que pertence ao numero de investigações originaes a que em ambas se procede. Ha, todavia, uma diferença, e individualidade de caracteres e gostos, que destingue os dois historiadores. Herculano é inferior a Tytler nas descripções e mostra gostar bem pouco do estilo de Froissart, no tocante a historiar por miudo os brilhantes feitos d'armas; mas, por outro lado, é mais profundo antiquario e tem mais philosophia politica: a estructura da sociedade e as remotas causas dos eventos e successos são, para elle, sugeitos caseiros com que, por assim dizer, está em tracto familiar. Criticar o estylo d'um escriptor portuguez, será por ventura em nós presumpção demasiada; todavia, intendemos que com quanto simples e claro, parece ás vezes falto de animação, o que certamente é devido a entrar em mais miudezas, do que, parece, fôra mister; ou, por outra, a que parte da materia introduzida no texto, podéra talvez, com vantagem da narrativa, ser transferida para as notas. (1)

Como nós reputamos o Sr. Herculano inquestionavelmente o primeiro dos historiadores portuguezes, não esquecendo nunca de que é inferior a Barros em energia e eloquencia, e até talvez lhe não seja superior em profundidade de saber, seremos brevissimos nas nossas observações a respeito dos escriptores antecedentes. Durante o periodo que abrange a edade media, Portugal abundou em monges hagiologos e Chronistas, que recordaram muitos successos contemporaneos, e por vezes deixaram brilhantes pinturas do caracter dos personagens ou do estado social da época. No curto periodo em que as letras floreceram em Portugal, mais extensas historias se escreveram, que podem dividir-se em duas classes — umas compostas segundo o modelo dos classicos, e outras que bem podem chamar-se uma ramificação, e, as mais das vezes, corrupção das chronicas antigas. Ora, na ultima sorte de compiladores, a maior parte ecclesiasticos, podemos mencionar Brito, com quanto não seja o mais respeitavel, pois que apresenta, da maneira mais frisante, os defeitos e absurdos dos da sua classe. Á similhança de Heitor Boecio e do nosso Geoffrey Keating, principia pela creação do mundo. O primeiro rei da Lusitania (segundo elle) foi Tubal, neto de Noé, que fundou Setubal; e a estes succedem por sua ordem, reis taes como Tago, Betis, Hespero e Luso. Depois da guerra

(1) Não concordamos nesta parte com o illustre critico, nem quanto á frouxidão do estylo, nem quanto á sua causal. Pelo que toca ao primeiro ponto, e olhando-o a *posteriori*, parece que é esta, *de falta de animação de estylo* a ultima accusação, que se poderia fazer ao distincto poeta, auctor da Harpa do Crente, ao prosador harmoniozo que escreveu a Abobada, os Quinze dias de Calecut, as Arras por foro de Hispanha, e o Eurico. O estylo do Sr. Herculano parece-nos sempre vivo e animado, quanto o comporta a maneira porque elle escreve, e devia escrever a Historia de Portugal, e a lingua, algum tanto impobrecida hoje, de que se serve. O seu proposito não é escrever scenas historicas onde cabem todas as galas e riquezas da linguagem, mas uma historia critica e philosophica do seu paiz, que nos faltava. As notas deviam ter certo limite, de modo que, não parecesse crescendo em demasia, que em vez de historia se escrevam commentarios ao texto da Historia de Portugal. Quanto ao mais, a lingua chamada culta está hoje mais pobre do que era no tempo de Barros, e sujeita á tyrannia das leis do decoro, que não é permittido violar sob pena do ridiculo. Nesse ponto de vista Barros é talvez mais eloquente. Mas fôra alguem usar das bellas metaphoras e liberdades da linguagem d'outro tempo desterradas infelizmente, para o estylo chulo e plebeo, e ver-se-hia a sorte que o esperava. Isto não podem conhecer bem os estrangeiros.

(*Nota do Traductor.*)

de Troya, chega Ulisses e funda Lisboa, que dahi se ficou chamando em latim Olysippium. Quando desce, ao depois, para o seculo XII da nossa era, achamol-o misturando a historia authentica com fabulas de igual calibre. A historia do primeiro rei de Portugal, D. Affonso Henriques, abunda em prodigios: na batalha de Ourique uma visão miraculosa, sem duvida repetição do que se conta de Constantino, assegura-lhe a victoria e com ella um reino. Taes são as fabulas de Brito, e teria sido uma ventura para a sua reputação se elle tivesse referido sómente as invenções dos outros, mas por desgraça ha todo o motivo de suspeitar que posera bastantes de sua casa. (1) Entretanto os annaes do reino acham-se escriptos por Faria, Sousa, e Brandão, homens que, supposto bastante credulos, eram com tudo mui superiores a Fr. Bernardo de Brito.

Ao tempo em que estes escreviam, surgiu ahi outra classe de historiadores, homens de caracter energico, que, havendo recebido em Coimbra educação classica, entraram para a vida publica, já no mister da milicia, já no da magistratura. Estes escriptores, homens experimentados, e de juizo solido, por terem servido nas armadas e estabelecimentos portuguezes da Africa e India, tinham além do que aprenderam e estudaram, quanto á theorica, um conhecimento intimo das coisas e dos logares. No numero destes auctores podemos nós incluir João de Barros, o mais eloquente dos historiadores portuguezes, e que serviu em Africa; Castanheda que visitou a India com o fim de habilitar-se para o mister de historiador; etc. etc...

A decadencia de Portugal foi mais rapida que a de Hispanha. No anno de 1580, a sua dynastia real extinguiu-se, e elle definhou por sessenta annos debaixo do mau governo hispanhol. A litteratura tambem jazeu em de-alento, e todos os estabelecimentos de educação no reino, ficaram prostrados debaixo do governo e influencia dos jesuitas. A universidade de Coimbra viu-se reduzida a um estado de degradação que mal póde imaginar-se; e uma das acções melhores e mais louvaveis do marquez de Pombal, foi a reforma que lhe fez, e o transferir para mãos mais dignas o cuidado da educação. Quanto, porém, de independencia intellectual póde escapar aos jesuitas de Coimbra, foi efectivamente encadeado e reduzido ao silencio pela Inquisição; de modo que, de então até aos nossos dias, dificultosamente houve homem de lettras, que mais ou menos não soffresse por via de tão detestavel instituto. Em taes circumstancias, mal poderia florecer o estudo da historia; e ainda que Portugal reconquistou a independencia politica, sob a dynastia de Bragança, não aconteceu o mesmo com a intellectual, que continuou de jazer em lethargo; e só.....
..... durante os ultimos doze annos — é que alguma coisa parecida com o livre exercicio do entendimento ha revivido em Portugal. Apraz-nos reconhecer que desde o indicado periodo, as lucubrações historicas tem excitado progressivamente a attenção, contribuindo muito para isso, e do modo mais efficaz, tanto os esforços particulares, como o patrocinio do governo. O VISCONDE DE SANTAREM, com auxilio do governo tem feito publicações de grande monta. Publicou a chronica de Azurara, a mais antiga e mais authentica relação das expedições maritimas que o infante D. Henrique despachou, enviando-as a explorar a costa de Africa. O VISCONDE publicou tambem uma explendida e inapreciavel obra original sobre os descubrimentos portuguezes na Africa, em que se vindicam as antigas glorias do paiz, e se prova que ainda ha n'elle talentos, actualmente, capazes de o defender. Este infatigavel FIDALGO emprehendeu ultimamente, tambem sob os auspicios do governo, publicar uma volumosa e inapreciavel compilação, com o titulo de « Quadro Elementar das Relações de Portugal com as outras Potencias » collecção de varios tractados entre Portugal e as outras nações. A valia de uma tal collecção é evidente, e a fórma porque é publicada merece tambem grande louvor. O governo inglez publicaria uma obra d'esta natureza no formato de explendido e custoso in folio, só proprio de livrarias publicas, e collecções particulares dos que raramente as consultam; as collecções portuguezas, porém, são feitas no modesto formato de oitavo, e por consequencia ao alcance, em razão do modico preço, dos estudiosos mais pobres. Com o mesmo espirito liberal e judicioso, o governo portuguez tem auxiliado a publicação de uma serie de opusculos intitulados « Ensaios sobre a Estatistica das Possessões portuguezas no Ultramar » contendo valiosas informações sobre a estatistica, recursos, e historia das colonias portuguezas. Já appareceram á luz dois volumes d'esta obra, e a excellencia de typo e dos mappas, e o preço extremamente modico, a tornam realmente proveitosa. É na verdade lisongeiro e agradavel mencionar empresas taes como estas, que acreditam assaz um paiz, que se está muito no costume de desprezar, e que, sem embargo de todos seus erros e infortunios, vae sem duvida acreditamol-o, progredindo no bom caminho, e ousamos aventurar-nos de esperar, que possa ainda elevar-se a certo gráu de solida e constitucional liberdade. Além d'estas publicações, auxiliadas pelo governo, ha muitas outras que tem sido o resultado de esforços individuaes; e d'ellas, que por sua raridade se tornavam inacessiveis, hão sido publicadas de novo, e não poucas das chronicas antigas tem pela vez primeira visto a luz. Diversas publicações periodicas igualmente contém mui curiosas noticias sobre as antiguidades e historia do reino, taes como a « Revista Litteraria » e o « Panorama. » Esta ultima publicação é, de certo, um verdadeiro *penny magazine*; e muitas das gravuras em madeira são copiadas de um jornal de Londres do mesmo nome; mas os variados artigos do Sr. HERCULANO, se tornam um deposito precioso de instrucção archeologica.

N. B. O critico distincto, auctor do artigo, que vertemos em linguagem, procede agora a dar uma resumida noticia do 1.° tomo da Historia de Portugal, do Sr. ALEXANDRE HERCU-

(1) Concordamos de bom grado em que os deveres do historiador hoje são outros, e por essa rasão somos sectarios do systema do Sr. Herculano. De que servira hoje sustentar ou fingir, que se sustentavam fabulas, que nos desacreditariam inutilmente aos olhos da Europa illustrada? Mas merecerá por ventura Fr. Bernardo de Brito essas arguições e escarneo? Quem sabe se um pensamento sublime dictou essas patrioticas mentiras, que conservaram sempre aceso e puro nos corações portuguezes o sentimento amortecido da nossa nacionalidade, e que mais tarde nos doou a independencia!

(*Nota do Traductor*)

LANO, unico volume ainda então sahido á luz. Finda a resenha dos topicos mais importantes, continúa:

Temos concluido a noticia da Historia do Sr. HERCULANO — obra de grande honra para o paiz, bem como documento da grande veracidade de seu auctor. Assim soube elle resgatar completamente o atrevido gage, a palavra que ousou de empenhar no principio — de que não pedia nem merecia indulgencia no que faltasse á verdade, quer fossem involuntarios quer voluntarios seos erros. É certo, que no volume dado ao prélo, a sua tarefa ha sido comparativamente mais facil, não havendo occorrido grandes difficuldades (1), mas nos que se lhe seguirem, quando houverem de historiar se as acrimoniosas contestações entre os monarchas portuguezes e a côrte de Roma, a sua coragem será posta a mais dura prova, e a sua fidelidade, acreditamol-o, corresponderá todavia á occasião e grave empenho. A sua obra será, fóra de toda a duvida, a grande auctoridade em historia portugueza; porém é muito pouco provavel que se faça geralmente conhecida, attendendo á vasta concepção do seu plano, e aos minuciosos pormenores, aliás de pouco interesse para outros quaesquer que não sejam portuguezes, e para os estudiosos de profissão, da historia da Peninsula, que n'esse caso, digamol-o de passagem, consultarão os originaes. O primeiro volume — unico até agora sahido á luz — trata somente da historia do Conde D. Henrique e de seu filho, o rei D. Affonso Henriques, e a obra, quando concluida, deitará provavelmente a 15 ou 20 volumes; isto é, tão extensa como a Historia de França, de Sismondi, e que, por isso, antes será uma mina aonde os compiladores francezes e inglezes vão procurar materiaes, do que uma obra popular fóra de Portugal...

Extrahido do DUBLIN UNIVERSITY MAGAZINE ADVERTISER *do mez de fevereiro de* 1847.

A. Gil.

A COLLABORAÇÃO DO SR. JOÃO DE LEMOS.

A collaboração de um dos mais queridos e populares poetas da nossa terra, é tam honrosa para a REVISTA, que tendo nós a fortuna de a alcançar, assentámos que deviamos communicar aos leitores a base das nossas bem fundadas esperanças, no documento seguinte:

—

(Carta.)

286 *Sr. Redactor.* — Teve V. a bondade de me pedir alguma das minhas humildes composições poeticas para o Jornal que redige: o lucro era todo meu, porque as columnas da REVISTA são um titulo de merito, ainda aos que o não possuem; mas não tenho podido até hoje obedecer ao que V. de mim requeria.

Ahi vão, pois, esses versos, e irão outros quando tiver mais algum tempo de meu. Tomam estes o passo por haverem merecido os bonitos versos do nosso commum amigo Ayres Pinto de Sousa, publicados na REVISTA de 24 do corrente, n.º 12: aquella delicadesa instiga-me a dar conhecimento do que os motivára; — foi a leitura que lhe fiz da composição que remetto.

De V. etc.

J. de Lemos.

—

AS QUATRO CORDAS DA LYRA.

(No album do meu amigo A. X. R. C.)

Tem quatro cordas a lyra
Com quatro sons, e mais não,
Embora mais lhe desfira
D'algum bardo a incerta mão,
Que da minha outros não tira,
Nem tem mais o coração.

A primeira, a melhor corda
A primeira para os céus;
Do abysmo sentado á borda
Olho affoito os males seus,
Porque a lyra me recorda,
Porque a lyra me diz — Deus.

A segunda só me falla
Da minha terra natal,
É corda que não estalla
Entre as paixões, é leal;
Patria, patria é o som que exhala,
Minha patria — Portugal.

Tem a terceira branduras,
Tem perfumes como a flôr,
É a corda das ternuras
De mancebo, e trovador;
Tem magoas, mas tem venturas,
Esta corda diz — amor.

Resta a quarta, que affinada
Agora melhor a quiz,
É corda por ti provada,
Que das outras não desdiz;
Corda d'affectos temp'rada
Amisade é o som que diz.

(1) Da maneira que o Sr. Herculano trata a historia portugueza, não concordamos em que fosse facil a sua tarefa n'este 1.º tomo. Tinha a luctar com a grande escacez e penuria de materiaes. Muitas vezes houve de consultar, em vez das fontes proximas historicas, as remotas e absconditas do coração humano e da philosophia dos successos, para se decidir nas questões intrincadas. ¿Qual é mais facil decidir, um pleito á vista de provas, ainda que numerosas e confusas, ou decidil-o somente por inducções e conjecturas, sempre arriscadas e falliveis? O primeiro modo será talvez mais trabalhoso, mas o segundo é sem duvida mais difficil.

(*Nota do Traductor.*)

E as quatro cordas n'um hymno,
N'um só hymno, heide casar,
Se emquanto ousado as afino
Mão da morte as não quebrar,
Que das quatro o som divino
N'uma só voz diz — amar.

Hei-de amar, cantar na lyra
Quatro affectos, e mais não,
Embora mais lhe desfira
D'algum bardo a incerta mão,
Que da minha outros não tira,
Nem tem mais o coração.

Condeixa — Janeiro de 1848.

J. de Lemos.

Em quanto não podemos prestar o devido louvor ao jornal, que o Sr. A. F. de Castilho está redigindo na Ilha de S. Miguel, seja-nos permittida a satisfação de publicar o seu prospecto, perfeitamente desempenhado já no 1.° n.° que temos presente.

O AGRICULTOR MICHAELENSE.

Redigido pelo Dr. Antonio Feliciano de Castilho, collaborado por alguns Litteratos, e Sabios, e franco a todos os artigos de interesse, que se lhe offereçam.

PROSPECTO.

287 Determinou a Sociedade Promotora de Agricultura Michaelense, que o seu Jornal começado no mez de outubro de 1843, e interrompido na sua publicação em junho de 1845 até hoje, reapparecesse novamente em janeiro do proximo anno de 1848, para continuar regular e indefinidamente.

Desejou a Sociedade melhoral-o, na parte material; e esse problema já se acha resolvido: sobre tudo ambicionou porêm assegurar-lhe, no maior numero de sympathias, um seguro penhor de duração. Entendeu que para tal fim nada mais conveniente do que aggregar aos assumptos propriamente agricolas, que são o seu instituto, e o seu empenho maximo, quaesquer outros interesses, de qualquer natureza que fossem, moraes, ou intellectuaes.

Será pois o *Agricultor Michaelense*, quanto as suas primarias obrigações lh'o consentirem, um jornal de conhecimentos uteis de todo o genero, e uma leitura recreativa; obra para os *campos* e para a *cidade*; para os homens, e para as senhoras; para a edade laboriosa um guia, para a velhice um aprasivel descanço, para a infancia mesma um passatempo innocente, e agradavel.

O Redactor, que d'esta agra tarefa se incumbiu, acceitando o obsequioso convite da Sociedade, dá por superfluo encarecer em um programma, com sobejidão de hanaes promessas, o zelo que o anima; zelo, já documentado perante o publico, pelos quatro primeiros annos da redacção da *Revista Universal Lisbonense*.

O *Agricultor Michaelense* apparecerá uma vez por mez; cada numero constará de dezeseis paginas de folha grande; bom papel, e typo novo; composição correcta, e elegante.

Os antigos subscriptores d'este jornal, e os que de novo o pertendam ser, poderão dirigir-se á typographia do *Correio Michaelense*, na cidade de Ponta Delgada, e em Lisboa, á loja de livros do Sr. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.° 8.

A correspondencia litteraria, scientifica, e noticiosa deverá ser endereçada ao *Redactor do Agricultor Michaelense*

Preços por anno..... 1,440
Avulso..... 160

O COMPILADOR.

COLLECÇÃO DAS NOTICIAS E DOCUMENTOS OFFICIAES QUE SE PUBLICAREM NOS JORNAES ESTRANGEIROS, SERIE CHRONOLOGICA DOS ACONTECIMENTOS MAIS NOTAVEIS QUE POSSAM SERVIR PARA A HISTORIA DA EPOCHA.

288 As noticias do exterior nunca foram de mais interesse do que ao presente. Todos desejam ter conhecimento do que se contém nas folhas estrangeiras, mas duas causas se oppoem á completa satisfação deste desejo — a carestia dessas folhas — e a difficiencia que neste ponto appresentam os nossos jornaes politicos. A publicação do *Compilador* era por tanto uma necessidade que mui sensatamente foi comprehendida por quem a emprehendeu. A seguinte declaração posta na primeira pagina é mais um motivo para recommendarmos esta empreza. — « Neste trabalho declaramos que « não havemos de ter côr politica, e que havemos de « transcrever com toda a imparcialidade o que nos de« pararem os jornaes mais accreditados da Inglaterra, « Hispanha, França e Italia etc. — O que se tem publicado prova que a promessa será cumprida. As pessoas que se encarregaram deste trabalho juntam ao perfeito conhecimento das linguas da Europa, essa superiodidade de intelligencia que faz com que o *Compilador* pelo methodo seguido na publicação das noticias será uma especie de annaes da historia importante da epocha celebre em que estamos. O preço é tam modico que é impossivel que tam util empreza não adquira pela grande publicidade a duração que tanto merece.

Todas as terças, quintas e sabbados, e todos os dias immediates á chegada do paquete será infallivelmente publicada uma ou mais folhas, conforme o exigir o contheudo dos jornaes que recebermos.

O formato será de 4.°, contendo cada folha 16 paginas, com o frontispicio na primeira folha, e distribuidas de modo que possam formar um livro.

O preço de cada folha será por ora de 30 rs. e diminuirá á proporção que augmentar a venda. — Vende-se na loja de Silva ao Rocio, e nas mais do costume.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

9 A 15 DE MARÇO.

289 O Diario do Governo de 10 do corrente pu-

blica novamente o resumo das operações do Banco de Portugal, no seu primeiro anno social, por haver sahido errado em o Diario de 6.

Relatorio que precede o Orçamento para o anno economico de 1848 a 1849, appresentado em 13 de março de 1848 á Camara dos Srs. Deputados.

TELEGRAPHOS ELECTRICOS.

Lê-se no *Sun* de 22 de janeiro ultimo:

290 A caza de *Brett*, de *Hanover Square*, propõe-se estabelecer uma communicação internacional entre Douvres e Calais, por meio do seu *telegrapho electrico de impressão*. Os governos inglez e francez concederam adiantamentos a esta empreza. — As experiencias feitas com o *telegrapho electrico de impressão sob a terra* se effectuaram em uma distancia de 146 milhas entre os pontos de communicação. O serviço fez-se com tanta rapidez e exactidão como se fosse entre uma distancia apenas de alguns pés.

VISITA Á CADEIA DO ALJUBE.

291 Quando acabámos a vesita que fizemos á cadeia da cidade e da qual já demos conta aos nossos leitores, dirigimo-nos para o aljube, que serve de prisão unicamenta ás mulheres.

A casa é arejada e forma dous andares — estando as prisões reduzidas a duas salas, porque o systema da communidade continua, não aproveita alguns quartos que ha no edificio.

A falta do trabalho e da educação moral, que por este meio se poderia emprehender, é um defeito, que se nota aqui como no Limoeiro.

As presas eram poucas e pareceram-nos algumas aceadas de mais. Nós queremos, que o preso trabalhe, que não sofra fome nem frio, mas queremos tambem, que viva sujeito a um certo regimen policial, que torne grave e respeitada essa instituição que a sociedade levanta no seu seio para com o castigo, que pesa sobre alguns dos seus membros, garantir a segurança do resto.

A separação dos sexos em differentes edificios foi uma providencia acertadissima como é facil de prever. — Infelizmente no Porto ainda esta reforma se não realisou, nem nesses simulacros de cadêas, que ahi ha por todo o reino.

A impressão triste, que haviamos sentido ao visitar 400 criminosos, que vimos na cadêa da cidade augmentou ainda com a presença da visita de tantas mulheres condemnadas á perda da liberdade, talvez mais por causa da sociedade de que dellas proprias. Pouparemos ao leitor o que soffremos, desejando só que estas e outras instancias se convertam em alguns beneficios a favor de uma classe desventurada da sociedade, que só poderá ser melhorada por meio da reforma, que tão repetidas vezes já temos solicitado.

ALGUMAS NOTICIAS ESTATISTICAS RELATIVAS Á NOSSA POPULAÇÃO.

292 Felizmente começam a ter voga os trabalhos estatisticos. — Neste ponto todo o progresso é digno de se notar. — Ultimamente temos visto com muita satisfação, que os jornaes politicos começam a dedicar os seus cuidados a tam interessante materia. Os documentos relativos ao movimento da alfandega de Lisboa, publicados pela *Carta* foram de bastante valia. Os jornaes das Provincias começam a dar conta dos preços correntes dos generos e do movimento dos mercados.

Entre os jornaes, que se publicam na cidade, o *Estandarte* apresenta neste genero trabalhos mui curiosos e importantes. Seria para desejar, que os não interrompesse, porque são uma prova incontestavel do que se póde fazer, quando ha zelo e intelligencia.

¿Se um jornal tem alcançado tantos elementos, que em parte eram desconhecidos, o que não poderia alcançar o governo ou uma commissão de pessoas competentes, quando para tal fim se creasse?

O *Periodico dos Pobres do Porto*, que tambem neste sentido tem prestado valiosos serviços aos nossos interesses economicos, publicou em o seu n.º 50 deste anno, um documento de valia respectivo ao movimento da população, o qual consiste em um mappa demonstrativo dos nascimentos, casamentos e falecimentos, em cada uma das parochias da cidade do Porto, e seu districto ecclesiastico, em todo o anno de 1847, extrahido do exame e revisão dos livros dos respectivos assentos, a que se procedeu na secretaria do paço episcopal.

Deste documento resulta, que no anno de 1847, houveram no Porto 1,882 nascimentos, sendo 969 do sexo masculino e 913 do sexo femenino: que os casamentos foram 384; e os falecimentos 1,478, entrando neste numero 378 homens, 453 mulheres, e 647 menores dos quaes 324 eram do sexo masculino, e 323 do sexo feminino.

UM CALLYGRAPHO QUE DEVE SER CONHECIDO.

293 Quando escrevemos o artigo que intitulámos — Um artista com tres dedos, — e no qual nos referiamos ao Sr. Bastos Teixeira, muito conhecido e apreciado como mestre de desenho, observámos que nesta terra não faltam engenhos nem homens que perseverantemente se entreguem ao trabalho: o que só falta é o auxilio de que o genio tanto precisa para prosperar.

Pela nossa parte em quanto estivermos encarregados da redacção deste jornal, podemos affiançar, que logo que o merito se nos descubra, ha de ser mui honrosamente mencionado nestas columnas.

Ha dias que ficámos surprehendidos ante um verdadeiro prodigio da paciencia, e desse dom especial que Deus só concede ás mãos de certos individuos.

Estavamos trabalhando, e appresenta-se nos um homem de 30 a 35 annos decentemente vestido, mas que á primeira vista nos parecia militar.

Proferiu o nosso nome para se certificar se eramos a pessoa que procurava, e disse-nos que vinha mandado por um dos amigos que mais presamos e respeitamos. Mal que lhe perguntámos o que pertendia, desembrulhou de dentro de um lenço de seda um quadro que teria quasi dous palmos de largura sobre um de largura, e ao pôl-o diante de nós disse... — é feito á penna. — Ficámos assombrados. — Parecia nos ter á

vista alguma preciosa gravura em ponto pequeno da celebre Cêa de Leonardo de Vinci — estavamos lastimando que obra tam perfeita não fosse copiada da excellente gravura de Morghen, que fica por tal fórma presente na mente de quem a admira, que sem custo conhece as que por ella não são copiadas; e mal pensavamos que a penna manejada por um nosso compatriota havia de por tal arte primar com o buril.

O caliygrapho que assim nos estava maravilhando continuou deste modo a sua appresentação... levou-me 4 mezes de trabalhos... ha de desculpar a imperfeição do desenho, mas como nunca aprendi...

Não o podemos deixar continuar e cortamos todas estas observações feitas com uma modestia extraordinaria — dizendo-lhe:

O Sr. quem é — Onde tem estado, porque não copiou o quadro do gravura de Morghen?

As nossas perguntas eram a expressão do que estavamos sentindo; as suas respostas fizeram nos lembrar bem a terra em que estamos.

«Chamo me Godinho. — Estive alguns annos no Porto desenhando com a penna alguns quadros que vendia aos inglezes, alguns bilhetes de visita e tarjas de sonetos e cartas que vendia para os da cidade. Não copiei da gravura que diz, porque sou pobre, quem m'a confiaria? e demais eu ainda não a vi.» — Estas ultimas palavras foram proferidas com tam ardente desejo de vêr essa maravilha da arte, que profundamente nos commoveu.

Disse-nos que havia quem desse doze moedas pelo quadro, mas ainda assim ficava-lhe cada dia de trabalho por 480 rs.

O quadro abstrahindo de não ser copia da melhor gravura e da tarja que impropriamente o rodêa, é uma maravilha destas que não ha dinheiro com que se paguem.

Não se comprehende como a penna suavisou os traços até á reproducção da morbidez das carnes, competindo ao mesmo tempo com a rijeza que o buril ostenta nas pregas das roupas e nos toques luminosos que abre por entre o claro-escuro. — Obras destas não se podem descrever. — A curiosidade só fica satisfeita quando se podem vêr ou possuir.

Ao presente o quadro, de que fallamos, pertence ao Sr. Antonio Maria Fidié.

Já vimos outras obras deste distincto callygrapho, que em nada desmentem o conceito que delle formámos á vista do quadro da Cêa.

Póde-se procurar na rua do Arsenal n.º 14, e quem vir alguma das suas primorosas obras, talvez nos agradeça estas linhas como nós agradecemos ao nosso amigo a satisfação, que nos causou, dando-nos a conhecer um homem digno de ser auxiliado por todos quantos possam avaliar o merito.

PRAÇA DE LONDRES.

294 As nossas noticias alcançam até 4 do corrente.

A reserva metalica do Banco augmentou de 191,000 libras. Os consolidados nesse dia ficavam a 82 $\frac{1}{4}$ tendo estado dias antes a 84 $\frac{3}{4}$. Os fundos portuguezes desceram até 17 por cento.

Constava que o Banco de Antuerpia havia suspendido os seus pagamentos, que uma Companhia de Negociantes havia tomado sobre si a responsabilidade da liquidação deste estabelecimento.

PRAÇA DE LISBOA.

15 DE MARÇO.

295 O mercado dos papeis de credito está paralisado — os preços são nominaes porque não ha nem compradores nem vendedores.

O desconto das notas regula por 50 por cento.

O RABEQUISTA MORSER.

296 Em a noite do dia 13 do corrente, recordámo-nos do que haviamos sentido ouvindo o celebre pianista Liszt. Desde então que ainda o genio e o gosto se não tinham juntado assim para maravilhar os sentidos. O Sr. Augusto Morser não vem cercado com o prestigio de uma fama adquirida, mas nem por isso deixa de ser um grande artista. — A sua presença é simpatica e modesta. Quando em virtude da magia do seu arco, sabe arrancar das cordas rudes da rebeca os sons harmoniosos, que parecem mais um sonho do que uma realidade, identifica-se por tal modo com a execução, que maravilha como Liszt.

Infelizmente o theatro de S. Carlos tem estado em quadra desgraçada; são tantas as causas que affastam o publico de o frequentar, que, apesar do illustre artista haver cedido o producto da sua primeira recita em beneficio do Asylo da Mendicidade; e apezar do nosso insigne pianista, o Sr Manoel Innocencio, se haver mui delicadamente offerecido para o acompanhar, a concorrencia era limitadissima.

Mas os espectadores, apesar de poucos, não deixaram de applaudir com o maior enthusiasmo e unanimidade a intelligencia e o gosto, com que o Sr. Morser executa na rebeca as mais assombrosas difficuldades.

O Carnaval de Veneza foi maravilhosamente executado. — O arco tocando apenas a 1.ª ou 4.ª corda fazia rebentar da rebeca uma fonte de harmonias, que suaves, ou arrebatadas, vinham enthusiasmar os espectadores, que, atonitos com o prodigio, pareciam duvidar do que estavem ouvindo.

Se fosse possivel que um dia invocassemos os precedentes, que provam a imparcialidade do nosso jornal, onde se não admittem communicados nem artigos de encommenda, seria hoje para que as expressões, com que traduzimos a nossa admiração, não perdessem coisa alguma da sua significação pelo abuso, que, infelizmente, tantas vezes se tem feito n'esta terra do magestoso sacerdocio da imprensa.

SS. MM. assistiram á representação, e poderiam avaliar, que foi com justiça, que o distinto artista mereceu mui honrosas provas da regia benevolencia da Rainha de Hispanha.

speramos que o Sr. Morser se não retire d'este reino, sem que outra vez nos dê o prazer de o ouvirmos e a muitas pessoas, que, sabendo da sua brilhante estrêa, desejam o mesmo.